

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**PSICOLOGIA
DO HOMEM DESARMÔNICO**

Conferência dada na A.D.C.E.A

9 de Maio de 1959

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA

Hoje, o estudo do homem desarmonico preocupa seriamente médicos, psicólogos, sociólogos, educadores, filósofos, legisladores, juristas e ainda os homens de empresas, para os quais o problema das “relações humanas” constitui um fator fundamental para o êxito ou fracasso nos negócios.

A desarmonia humana adquiriu nestes últimos tempos tal extensão e intensidade que já não é uma questão que interesse somente para os especialistas, senão que constitui um problema de interesse comum e de alcance social, visto que afeta o âmbito da convivência e ameaça a segurança coletiva.

No ano 1950 realizou-se na Europa uma *Conferência Internacional*, com a finalidade de estabelecer as características mais marcantes desta época que estamos vivendo. Nessa conferência, o filósofo Jean Gebser expressou o que segue:

“O grande perigo que nos ameaça hoje não procede do externo, nem do Leste, nem sequer do Oeste, mas do próprio homem, de sua própria insegurança”.

No campo médico-psicológico, o estudo das desarmonias da conduta adquiriu uma importância muito grande nos últimos 30 ou 40 anos. Recordemos somente que enquanto que na primeira Guerra Mundial os problemas que mais preocupavam a sanidade militar eram a infecção e a gangrena. Enquanto que na segunda Guerra Mundial, a atenção estava enfocada nos desequilíbrios psíquicos.

A DESARMONIA BÁSICA REVELADA POR UMA SITUAÇÃO CRÍTICA

Não vamos nos ocupar neste momento das desarmonias patológicas, mas da condição psicológica ou *base de desarmonia* que, em um momento dado, pode manifestar-se através da patologia.

Habitualmente, só quando essa desarmonia chega a um umbral crítico ou patológico, o indivíduo decide ocupar-se seriamente de si mesmo.

É muito difícil, neste terreno, fazer algo do que poderíamos chamar “medicina preventiva”. Para este tipo de problemas íntimos da alma já não basta a prédica, faz falta o choque. Somente ante a crise, o homem desperta para sua própria condição de desarmônico e é possível ajudá-lo de alguma forma.

Certos transtornos, chamados neuróticos, têm para alguns indivíduos o valor de uma “enfermidade liberadora”, sempre que essa queda não haja passado de um “umbral crítico de queda”.

ENFOQUE PSICOLÓGICO-ESPÍRITUAL DO HOMEM DESARMÔNICO

Para poder compreender o que é o homem desarmônico é preciso dar-se conta de algo fundamental e é a profunda diferença que existe entre os seres humanos, apesar de sus características de semelhança externa.

Dentro das múltiplas classificações tipológicas que existem, não se prestou suficiente atenção às diferenças fundamentais que existem entre os homens, conforme tenham ou não um *centro de integração*.

Creio que em todos os homens existe este centro de integração, mas em uns, está em estado potencial e em outros, ativo. Em uns, é um foco consciente e, em outros, inconsciente.

Ao redor deste centro, se estrutura a *personalidade*, em contacto com o mundo exterior, integrada por aspectos parciais (ideias, emoções, instintos, etc.) que podem ou não estar em relação consciente com o centro de integração.

Este centro de integração representa o arquétipo fundamental, onde se reflete a lei intrínseca do ser que rege o destino individual, enquanto que a personalidade responde a uma lei arbitral de possibilidades.

A personalidade tem uma lei de desenvolvimento centrífugo e de multiplicidade de experiências, enquanto que o centro de integração mantém uma potencialidade centrípeta de unidade e simplicidade.

Cada indivíduo forja para si, de acordo com sua personalidade, um modelo ou tipo de vida, em relação com sua instintividade, com sua razão e com seu meio ambiente. Mas, esse *modelo pessoal* pode não corresponder ao *modelo arquetípico*.

Se a personalidade e seus aspectos parciais trabalharem independentemente do núcleo de integração (maioria), teremos o homem mecânico: vive, pensa, trabalha, sente e atua, mas não sabe para que vive, nem para que trabalha, nem qual é o sentido de sua vida. Não tem consciência plena de si mesmo, nem unidade, nem vontade própria, nem ética verdadeira.

O homem integrado, em troca, tem unidade. Harmonizou seu modelo pessoal de vida com seu modelo arquetípico. Pode dizer: “*Eu sou o que sou*”. Tem vontade própria, sabe para que vive e o que é o que quer. E rege sua conduta através de uma ética individual, este é o verdadeiro homem harmônico que rege sua conduta desde dentro, contrariamente ao anterior, o homem desarmônico, cuja vida está condicionada desde fora e está sujeita às mudanças externas.

Para a maioria dos homens, o arquétipo fundamental é um “ilustre desconhecido” e sua personalidade faz “ensaios de vida”, geralmente em desacordo com a lei intrínseca.

Mas, tal é a harmonia do microcosmos humano que, ainda que o centro de integração esteja adormecido, quando a vida pessoal se afasta demasiado da lei íntima que lhe é própria, esse centro desperta e obriga o ser a dirigir seu olhar para dentro.

Vejamos alguns exemplos, através dos quais se faça mais clara a relação entre os dois modelos de vida que descrevemos.

É frequente encontrar homens responsáveis frente a seus deveres de vida, que cumprem perfeitamente bem com sua família, com seu trabalho e com a sociedade, e que, um bom dia, aparecem com uma melancolia: estão tristes, angustiados, não encontram sentido para suas vidas... Por que estão tristes estes homens éticos, de conduta irrepreensível? Porque atenderam todos os seus deveres com a sociedade, com a família e com o próximo, mas se esqueceram do dever para consigo mesmos, que é um imperativo do arquétipo fundamental. Esses homens triunfaram em uma ética social, mas fracassaram em relação a uma ética individual. Ocuparam-se de todos, mas esqueceram-se de si mesmos. E ninguém pode esquecer-se de si mesmo impunemente. Ninguém pode desconhecer a lei intrínseca individual. Quando não se responde ao dever consigo mesmo, cria-se uma desarmonia.

Outro tipo humano que com frequência vemos chegar à crise da desarmonia é aquele que realiza sua vida, de acordo com o “princípio do prazer”. Sob a pressão de sua própria instintividade ou por estímulo de um ambiente liberal, dá rédea solta a seus desejos, não buscando senão o gozo de viver. Mas, um bom dia aparece o desequilíbrio, a patologia, que expressa o desajuste entre o instintivo e o espiritual; entre o modelo de vida estético, escolhido pela personalidade e o modelo ético, reclamado pelo arquétipo, desde o fundo escuro do inconsciente. Quer dizer, a totalidade individual do homem reclama algo mais que o gozo como conquista vital final. E o estético, para harmonizar-se, tem que tornar-se ético através de um novo sentir.

Análoga desarmonia se produz no âmbito da polaridade sexual quando, de acordo com uma moral de costume, o homem ou a mulher desenvolvem só um aspecto da totalidade masculino-feminino, exigida pelo arquétipo.

Em uma forma ou outra, às vezes associada a uma patologia e outras vezes sob a forma de uma angústia existencial, o homem de nosso tempo é consciente de sua falta de harmonia e de unidade. Seus anelos mais íntimos se resumem habitualmente em uma frase: “*quero ser eu mesmo*”; “*quero conhecer-me a mim mesmo*”; “*quero saber o que é que quero*”.

Creio que hoje em dia os grandes ideais da humanidade - mais que ideais sociais, políticos ou econômicos - se resumem em um clamor das almas por conquistar sua própria unidade, sua própria integração. E este anelo íntimo, alguns o manifestam e outros o guardam na profundidade de seu ser.

Mas, o que pode oferecer a cultura atual às inquietudes de integração do homem? Só uma pseudointegração, através do embelezamento racional, estético ou religioso dos aspectos parciais que constituem a individualidade.

Para compreender melhor estas coisas, temos que dar-nos conta de que estamos vivendo uma nova Era.

Até faz uns anos, falar de “nova era” era privilegio de videntes, profetas e astrólogos. Mas, hoje em dia os filósofos, matemáticos, físicos, artistas, etc., falam com toda certeza que, desde o começo deste século, entramos definitivamente em uma nova Era, que se anuncia com novas concepções em todos os campos da cultura e se concretiza em uma nova *visão do mundo*.

Os astrólogos falam da Era de Aquário; Gebser, nas *Conferências Internacionais* a que fizemos referência no início deste trabalho, fala de *Era da Aperspectiva* por considerar que a tônica fundamental da nova época é a introdução do tempo, dentro da problemática vital.

Nós designaremos a nova Era com uma de suas características mais trágicas e falaremos de *Era de Desintegração*.

A desintegração, iniciada na matéria, no átomo, se expande hoje a muitos outros campos. Existe uma desintegração da sociedade humana e - o que é muito mais grave - uma desintegração do próprio homem.

Pensemos que as doenças que mais preocupam hoje a ciência médica são, precisamente, as enfermidades desintegrativas: o câncer no aspecto corporal e a esquizofrenia no campo da personalidade.

Estamos vivendo realmente uma “era de desintegração”. Mas, não seríamos justos se a qualificássemos assim, de forma absoluta, porque juntamente com este processo desintegrativo existe outro processo de integração que equilibra o primeiro.

Se bem que exista na sociedade humana atual uma grande onda de homens desintegrados, existem também homens e mulheres que trabalham seriamente em si mesmos para despertar a consciência desse centro de integração - de que estivemos falando. Homens que não vão em pós do poder nem da riqueza do mundo, mas em pós da consciência de si mesmos e da unidade de si mesmos. Porque deram-se conta de que não é possível chegar a nenhum tipo de unidade nem de harmonia social como homens desintegrados e desarmônicos.

Se bem que esta “era de desintegração” que estamos vivendo nos apresenta um panorama sombrio, a existência destes novos homens que trabalham seriamente para chegar à integração de si mesmos é uma esperança positiva para a humanidade.

Assim como os olhos dos doentes estão hoje dirigidos para os produtos químicos sintéticos que possam curar seus males, a humanidade angustiada e desgarrada do presente tem suas esperanças postas nesses novos produtos humanos de síntese que são aqueles que poderão guiar os demais em direção à conquista de sua própria integração.

Repetindo as palavras de Gebser, diremos que o grande perigo que nos ameaça “não procede do externo, nem do Leste, nem sequer do Oeste”, *senão* que procede da intimidade do próprio homem, dos homens desintegrados que povoam a humanidade e que não podem dar *senão* o fruto de uma sociedade também desintegrada.

Mais do que novas ideias, novos sistemas ou novos dogmas, o que faz falta hoje são novos homens integrados que possam mostrar aos demais o caminho de uma vocação muito superior a todas as que podem aparecer em uma guia de orientação profissional: é a vocação de *Ser-Homem*.